

A(S) CULTURA(S) BRASILEIRA(S) EM SALA DE AULA: o ensino de português como língua estrangeira em uma classe multilíngue



Douglas Altamiro Consolo¹

Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto

Vinicius Medeiros dos Santos²

Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto

Resumo: Neste artigo, discutimos o ensino-aprendizagem de português como língua estrangeira (PLE) a partir da elaboração e da disponibilização de um curso sobre aspectos da cultura brasileira oferecido no âmbito do projeto do Governo Federal do Brasil, *Idiomas sem Fronteiras* (IsF), ministrado na UNESP/IBILCE. Para tanto, iniciamos com o conceito sobre cultura(s) e a relação entre cultura e o ensino de PLE, e posteriormente relatamos algumas atividades realizadas e conteúdos abordados no decorrer do referido curso. O conceito de cultura aqui adotado prioriza a compreensão de conjuntos de valores de membros de um grupo ou país, sua diversidade, incluindo-se crenças e comportamentos aprendidos socialmente e partilhados por esse grupo. Salienta-se a importância da concepção cultural para o ensino de línguas, sobretudo ao ensino de uma língua estrangeira, pois língua e cultura são intrinsecamente indissociáveis. Acreditamos que mais do que apresentar uma opção para o ensino de português como língua estrangeira, este texto objetiva a divulgação do nosso próprio aprendizado durante a elaboração e o oferecimento do curso, e a reflexão sobre essas experiências, originando, assim, este artigo.

1. Introdução

Nosso objetivo, neste artigo, é refletir acerca do ensino-aprendizagem da(s) cultura(s) brasileira(s) e do português como língua estrangeira (PLE) a partir

¹ Douglas Altamiro Consolo possui Bacharelado em Linguística e Mestrado em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Brasil, Doutorado em Linguística Aplicada pela Universidade de Reading, Inglaterra, e o título de Livre-Docente em Língua Inglesa pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Brasil. Realizou estágios de pós-doutorado na UNICAMP, na Universidade de Melbourne, Austrália, e na Universidade Nacional Autónoma do México (UNAM). Atualmente atua como docente e pesquisador na UNESP, campus de São José do Rio Preto (IBILCE), onde também coordena o Centro de Línguas e Desenvolvimento de Professores (CLDP).

² Vinicius Medeiros dos Santos cursa Licenciatura em Letras (Inglês e Português) na UNESP. Em 2017, na condição de bolsista da PROEX-UNESP junto ao Centro de Línguas e Desenvolvimento de Professores (CLDP) do IBILCE/UNESP, desenvolveu um curso online de PLE, nível A1, na Plataforma Moodle da UNESP. Apresentou, em 2017, no CIC (Congresso de Iniciação Científica) da UNESP, um painel sobre a sua experiência em planejamento e ensino de cursos de PLE. Em 2018, ainda enquanto bolsista da PROEX-UNESP, colaborou no planejamento e na docência do curso “Aspectos da Cultura Brasileira”, oferecido no IBILCE/UNESP por meio do programa “Idiomas sem Fronteiras” (IsF), do governo federal brasileiro, e do CLDP e, em 2019, apresentou uma comunicação oral sobre o referido curso no congresso SIMELP.

das atividades propostas e realizadas durante um curso oferecido pelo projeto do governo federal brasileiro, *Idiomas sem Fronteiras*, ministrado na UNESP/IBILCE, câmpus de São José do Rio Preto, durante o mês de agosto de 2018. Nesse sentido, propomos aqui uma discussão das experiências vivenciadas em sala de aula, não no intuito de delimitarmos o “correto” e o “equivocado,” no ensino de PLE ou de aspectos culturais do Brasil, mas sim de compartilharmos saberes e conhecimentos pautados em uma prática didática comunicativa (Almeida Filho; Franco, 2009).

Para tanto, este artigo organiza-se da seguinte maneira. Primeiramente, discutimos o conceito de cultura, tão complexo quanto propagado e difuso. Em sequência, abordamos a concepção de cultura em relação ao ensino de uma língua estrangeira, especificamente o português como língua estrangeira (PLE). Por fim, apresentamos o conteúdo do curso, denominado “Aspectos da Cultura Brasileira” e indicamos alguns fatos mais significativos e exemplos do trabalho realizado durante o curso ministrado.

2. Conceitos de cultura

Embora seja unânime o (re)conhecimento da manifestação da cultura em todos os povos e em todas as épocas, a indicação de uma interpretação una desse conceito é improvável, visto que há deliberações diversas e, por vezes, excludentes. Para Silva (2017), encontrar uma noção definidora para esse elemento é praticamente impossível, pois a cultura está em transformação contínua, tanto em sentido sincrônico quanto diacrônico. Referenciando o trabalho de Edward Hall, Barbosa (2015) aponta a cultura como uma instância constitutiva da própria existência humana, apesar de revelar-se de maneiras ocultas.

Como menciona Mendes (2015) em seu artigo, baseando-se no trabalho de Denys Cuche, registra-se o termo cultura desde o século XVI. Ainda segundo a autora, pesquisadores reformularam o significado do termo, assim como a sua nomenclatura por meio do uso de adjuntos restritivos, tais como “(...) ‘cultura das letras’, ‘cultura das ciências’ (...)” (p. 204), durante séculos, e estudaram-no em diversas áreas do saber (Bosch, 2015), até tornar-se o principal objeto de estudo de uma nova ciência criada no século XIX, a Etnologia (Mendes, 2015), mas não restrita a somente a essa ciência.

Aliás, desde o século XIX até os tempos atuais, já influenciada a partir do século XVIII por postulados iluministas (Leite, 2011), a noção de cultura tem sido rigorosamente investigada pelas mais diversas áreas das ciências sociais, cada uma compreendendo cultura à sua maneira e em relação à sua perspectiva teórica (Bosch, 2015), no intuito de discutir e de solucionar questões já presentes na Antiguidade, tais como a reflexão sobre a diversidade da produção de diferentes culturas pelo ser humano ainda que ele seja biologicamente singular, único, encontrando, assim, principal relevo na área da Antropologia (Mendes, 2015; Leite, 2011).

O surgimento de novas noções, nem sempre em consonância, sobre cultura na segunda metade do século XX (Silva, 2017), assim como teorias como o determinismo biológico e o determinismo geográfico (Mendes, 2015), promoveram uma série de reflexões sobre cultura nos estudos antropológicos, sendo definida pela primeira vez como conceito científico por Edward Burnett Tylor, ainda segundo a autora. Para Leite (2011), a Antropologia surge justamente para refutar a noção cultural vigente da época, cuja vertente apresentava a culturalidade europeia como superior a de todos os demais povos.

No entanto, é importante salientarmos que, para Mendes (2015), a noção primeira de cultura, estipulada pela Antropologia, é por vezes muito universalizante, não abarcando nem compreendendo a pluralidade de valores, ideias, práticas, crenças que se manifestam na realidade social. Por isso, para a autora, apesar da contribuição dos estudos antropológicos, é a área da Linguística Aplicada que promove um repensar e um reconsiderar sobre o tema, sobretudo a partir de estudos relacionados à noção de aculturação.

Mas se apresentamos até aqui um breve histórico dos modos de se pensar sobre cultura, qual seria afinal o seu significado? De acordo com o Dicionário Houaiss (2009), cultura é:

1 agr ação, processo ou efeito de cultivar a terra; lavra, cultivo (...) 4 cabedal de conhecimentos de uma pessoa ou grupo social 5 antropol conjunto de padrões de comportamento, crenças, conhecimentos, costumes etc. que distinguem um grupo social 6 forma ou etapa evolutiva das tradições e valores intelectuais, morais, espirituais (de um lugar ou período específico); civilização (...) 7 complexo de atividades, instituições, padrões sociais ligados à criação e difusão das belas-artes, ciências humanas e afins (...). (p. 583).

Em sua dissertação de Mestrado, Leite (2011) afirma que:

Nada fácil de definir, o conceito de cultura contém em si vários aspectos da complexidade comportamental e intelectual individual humana, patrimonial de um povo e organizacional do mundo. Como tal, está em constante mutação diacrônica e sincrônica atendendo aos vários campos da Ciência que o estudaram e estudam. (Leite, 2011, p. 20).

Ao considerar os estudos de Clifford Geertz e Simon Schwartzman, Mendes (2015) menciona o estudo da cultura como:

(...) a compreensão do fenômeno humano, em toda a sua diversidade, qualquer que seja o ponto de vista a partir da qual olhamos, não pode ser despreendido dessa dimensão de significados e de suas relações dentro da vida em sociedade, quer a chamemos de cultura ou utilizemos qualquer outro termo, entre tantos que estão na moda. (p. 216).

Para Silva (2017), cultura pode ser definida como um “(...) conjunto de valores, crenças e comportamentos aprendidos e apreendidos socialmente e partilhados por um grupo” (Silva, 2017, p. 21). Ao refletir sobre a cultura,

Bosch (2015) menciona que:

Em todo universo cultural, há regras que possibilitam aos indivíduos viver em sociedade; nessa perspectiva, cultura envolve todo o cotidiano dos indivíduos. Assim, os seres humanos só vivem em sociedade devido à cultura e, além disso, toda sociedade humana possui cultura. E é por meio da herança cultural que os indivíduos podem se comunicar uns com os outros, não apenas por meio da linguagem verbal, mas também por formas de comportamento. Isso significa que as pessoas têm a possibilidade de compreender quais são os sentimentos e as intenções das outras porque conhecem as regras culturais de comportamento em sua sociedade. (p. 20).

Ainda de acordo com Bosch (2015), cultura pode ser entendida tanto em um sentido nacional quanto num sentido regional, apesar dessa definição não ser exatamente estanque ou de fácil execução. Elementos reconhecidos pela grande maioria de cidadãos de uma mesma sociedade podem ser indicados como pertencentes a uma cultura nacional, enquanto que determinadas particularidades manifestadas em uma espacialidade reduzida e restrita a certos grupos, podem ser compreendidas como cultura regional.

Precisamos considerar também como a cultura de um povo não pode nem deve ser entendida como única, pois a heterogeneidade e pluralidade de ações, práticas, costumes, valores sociais é extremamente ampla, como menciona Leite (2011), ao indicar os estudos de Pierre Bourdieu.

É certo também que nossa posição neste artigo não é esgotarmos as possíveis definições e compreensões acerca da cultura, nem conseguiríamos, uma vez que pesquisas demonstram a diversidade de postulados e pensamentos sobre o que é cultura. Tão pouco, nos aprofundarmos demasiadamente sobre o conceito de cultura, pois não é essa a nossa principal finalidade, isto é, não buscamos apresentar um estudo demasiadamente vertical sobre o termo cultura. Pelo contrário, partimos tão somente de uma noção diretriz sobre culturalidade para o melhor desenvolvimento do nosso trabalho sobre ensino-aprendizagem de cultura durante as aulas de uma língua estrangeira, mais especificamente o PLE.

Desse modo, uma vez que delimitamos a concepção de cultura, ainda que de modo atenuado, consideremos, então, a importância de sua relação para o ensino de PLE.

3. A cultura e o ensino de PLE

Conforme mencionamos na seção anterior, o conjunto de práticas, costumes, ações, praxes socialmente construídas e colaborativamente manifestadas organizam-se como procedimentos culturais dos mais diversos povos. Dentre essas atividades culturais, uma das mais fundamentais constituídas pela interação social é a linguagem humana.

Sendo assim, é de acentuada importância a concepção cultural para o

ensino de línguas, sobretudo ao ensino de uma língua estrangeira, pois língua e cultura são intrinsicamente indissociáveis. Como menciona Tang (1999), “(...) *language and culture are inextricably linked* (...)”. Ainda para Fontes (2002), não há como separá-las, língua e cultura, sob o risco de tal separação parecer uma atitude mecânica ou superficial.

Embora atualmente os estudiosos reconheçam como dominantes os postulados que indicam o processo de ensino-aprendizagem de língua estrangeira por meio da culturalidade, nem sempre eles tinham essa percepção teórica para o ensino de uma outra língua. De fato, somente ao final da década de 1950, com as contribuições de Robert Lado, e em seqüência na década de 1970, com os estudos de Dell H. Hymes, que a noção de língua associada à(s) cultura(s) começou a formar-se nos estudos da área de ensino de línguas, como indica Alvarez (2002).

De acordo com Almeida Filho (2002), a consideração do aspecto cultural para o ensino de uma língua estrangeira é evidente e urgente. Para o autor, Quando a meta é ensinar para que os alunos possam com mais chances adquirir uma capacidade de uso de uma nova língua, o cultural não deveria constituir, portanto, uma outra faceta do porte do gramatical. (...). Se temos de estar socialmente em português ou em outra língua como LE ou L2, então carecemos de compreender e saber agir, por exemplo, quando cumprimentar beijando o rosto, quem tem a iniciativa, quantos beijos, onde é o beijo (no rosto mesmo ou no ar), se apenas dar a mão sem beijar ou se nem tanto. (Almeida Filho, p. 210, 2002).

Considerando os postulados de Almeida Filho (*op.cit.*), podemos sugerir como estudar uma língua é aprender a ser alguém, um cidadão socialmente inserido em uma (outra) realidade, estabelecido, de modo consciente ou inconsciente, culturalmente, em um determinado contexto histórico-social muitas vezes diferente daquele de sua origem, reconhecendo um novo modo de posicionar-se socialmente, porém sem diminuir ou amenizar as suas próprias concepções de mundo e seus entendimentos sobre ele. Para Alvarez (2002), somente se aprende efetivamente uma língua estrangeira quando o usuário-aprendiz assimila a realidade cultural dessa nova comunidade. Consonante, Mendes (2002) aponta:

(...) aprender uma língua, aprendendo sua cultura, significa mais do que uma simples eleição de enfoques metodológicos, é, antes de tudo, uma forma alternativa de construção do processo de ensino-aprendizagem de língua. A cultura, que normalmente assumo o papel secundário nesse processo, em detrimento da forma linguística, passa a ser a porta de entrada, o elemento fundador a partir do qual a experiência de ensinar e aprender se constrói. (p. 186).

Entretanto, ao concebermos a cultura do outro, mais especificamente aquela da qual se insere a língua-alvo em aprendizagem, não podemos nos limitar a uma cultura específica restrita a determinados aspectos ou estereótipos,

reconhecidamente característica desse grupo social, posto que, além de não ser condizente com a realidade, tende a limitar e a superficializar toda a instância cultural relativa àquele povo. Dito de outro modo, não há uma cultura que possa ser reconhecida como específica, e conseqüentemente ensinada, no sentido de superior ou mais influente do que as demais, pois a cultura de um povo, assim como os cidadãos que o constituem, são diversas e plurais.

Segundo Alvarez (2002), “(...) cultura significa diferença, variabilidade e fonte potencial de conflito” (p. 159). Para a autora, o ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira pela perspectiva cultural não pode favorecer um olhar estereotipado, muito menos proporcionar uma visão formulada em torno de clichês. Meyer (2002) também menciona a relevância dos abstermos de estereótipos e sentidos comuns para que, então, haja realmente a integração sociocultural entre o usuário aprendiz e a língua-cultura que ele almeja aprender.

Obviamente, a ideologia influencia todo material didático e pedagógico cuja manifestação orienta para esta ou aquela direção, ora reafirmando o *status quo* dominante, ora favorecendo um diálogo crítico frente à realidade atual. Como menciona Fontes (2002), crenças e tendências metodológicas marcam concepções de valor, refletindo indiretamente no trabalho na sala de aula. Porém, o ensino cultural de língua, ou o ensino de língua de modo cultural, precisa mostrar ao usuário a complexidade, a pluralidade e, muitas vezes, a contrariedade inerentes às manifestações culturais de uma nação, não simplificando o ensino a fim de facilitar a compreensão desse aprendiz, mas proporcionando um diálogo entre as culturas da língua-alvo e as culturas de quem a aprende. Considerando o contexto global atual no qual há o apagamento de fronteiras e a intercomunicação de saberes (Mendes, 2002), ensinar uma cultura elitista e única é realizar um movimento contrário da própria manifestação humana em sua realidade social.

Assim, nesse sentido, promoveram o ensino de cultura por meio da concepção de que a cultura é diversa, não única, ou seja, ela não é monocultural, mas pluricultural. Portanto, não só a pluriculturalidade da língua-alvo, mas também a pluriculturalidade do usuário, que são compreendidas, valorizadas e incentivadas no processo de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira, por meio da interculturalidade. Dito de outro modo, ao se ensinar uma nova cultura, o professor precisa considerar que ela é diversa, porém considerando também a diversidade cultural de seu aluno, no qual os dois conjuntos culturais (da língua-alvo e da língua materna) estão em contato, promovendo diálogos e discussões, conflitos e debates.

No entanto, esse contexto intercultural precisa ser entendido como um ambiente propício para o ensino, proporcionando o conhecimento e a aprendizagem dos estudantes, não entendido como um empecilho para o

bom desenvolvimento do ensino em sala de aula. Nesse sentido, Mendes (2007) menciona:

(...) uma exigência se faz necessária, a de incorporar a cultura e as relações interculturais como forma de inclusão e cooperação dos participantes do processo de aprendizagem, ou seja, adotar a perspectiva da cultura como meio de promover a integração e o respeito à diversidade dos povos, à diferença, permitindo ao aprendiz encontrar-se com a outra cultura sem deixar de ser ele mesmo. (119).

Ainda para a autora, ao se ensinar e aprender uma língua estrangeira, faz-se necessária uma interlocução entre as culturas, pois se aprende, e ensina, uma língua-cultura alvo enquanto se aprende, e ensina, a língua-cultura do aprendiz, numa relação dialética.

Portanto, se entendemos a relevância da não simplificação da culturalidade no processo de ensino-aprendizagem, nos pautando justamente no incentivo da disseminação da diversidade e da contrariedade cultural de um povo, sem nos esquecermos evidentemente da realidade cultural do usuário, de que modo podemos organizar um trabalho em sala de aula que possa abarcar toda essa grande dimensão intercultural? A resposta para essa pergunta é bastante simples: não há como se fazer isso.

Para Mendes (2002), o trabalho em sala de aula deve proporcionar uma interação entre os elementos presentes nesse processo, por meio da relação alunos-alunos, alunos-professor, alunos-professor-materiais didáticos. Para que isso ocorra, é importante que haja um recorte consciente da imensa dimensão intercultural, a fim de selecionar e desenvolver aspectos que sejam, de fato, relevantes para o contexto de ensino-aprendizagem, podendo permitir também a troca real de conhecimentos e saberes. Para que esse processo ocorra de modo adequado, precisamos considerar:

(...) eleger, na medida do possível, aqueles aspectos que possam dar uma amostra da realidade humana, social e artística da cultura brasileira, refletindo a sua diversidade. Temos consciência de que qualquer proposta que pretenda abordar na totalidade o universo de qualquer cultura é meramente especulativa. (Mendes, p. 194, 2007).

Assim, segundo a autora, para que o professor considere a diversidade cultural ao ensinar cultura enquanto ensina uma língua estrangeira, ele precisa estar ciente da necessidade de apontar somente alguns aspectos culturais, não porque eles sejam os mais evidentes, mas para fins didáticos, afinal mais importante do que o professor querer apresentar o todo cultural pertencente a um determinado povo, é ele instigar o aluno, oferecendo a trajetória pela qual o aluno poderá se direcionar de modo autônomo e independente.

4. O curso “Aspectos da cultura brasileira”

A parceria entre o governo federal e a UNESP (Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho”) no estado de São Paulo, por meio do projeto *Idiomas sem*

Fronteiras e as universidades públicas brasileiras, proporciona um esforço conjunto para a internacionalização do ensino superior do país a fim de possibilitar tanto a valorização da ciência e da pesquisa no Brasil, incentivando pesquisadores, professores, especialistas e alunos em formação quanto à divulgação de seus trabalhos em âmbito acadêmico internacional, promovendo o diálogo entre estudos realizados no Brasil e no exterior. Especificamente, o projeto *Idiomas sem Fronteiras* (IsF) incentiva e apoia o ensino de línguas estrangeiras nas universidades públicas brasileiras a fim de contribuir com os intercâmbios de conhecimentos e de pesquisas entre o Brasil e instituições estrangeiras, uma vez que, por meio desse programa, oferecem-se cursos gratuitos de alemão, espanhol, francês, inglês, italiano, japonês e português como língua estrangeira aos membros das comunidades internas dessas universidades.

Entre as ofertas disponibilizadas na área do IsF na internet para o trabalho com os alunos estrangeiros matriculados nas universidades participantes do convênio, selecionamos oferecer o curso intitulado *Aspectos da Cultura Brasileira*, por acreditarmos ser de extrema importância o reconhecimento de que o ensino e a aprendizagem de uma língua somente ocorre, de fato, quando se ensina e se conhece uma nova cultura, considerando-se, assim, noções sociais, políticas, ideológicas, econômicas, históricas, geográficas, culturais particulares de um outro povo, de uma comunidade diferente daquela na qual o usuário entende como o seu local de origem. Assim sendo, nós definimos o plano de curso e a carga horária antecipadamente, com o apoio dos coordenadores de PLE do IsF, e por nós seguidos no oferecimento do curso na UNESP.

O curso *Aspectos da Cultura Brasileira* teve a duração de 16horas/aula, ministradas entre os dias 13 de agosto a 29 de agosto de 2018. Orientamos o nosso trabalho na elaboração do curso por meio da abordagem comunicativa (Almeida Filho; Franco, 2009), buscando incentivar a participação interacional e comunicativa dos alunos.

Como indicado anteriormente, o trabalho de cultura em sala de aula de língua estrangeira não pode abarcar toda a diversidade cultural brasileira, uma vez que ela é ampla. Como menciona Mendes (2002), “[O Brasil] reúne, em si, elementos distintos que mostram, pela heterogeneidade, uma multiplicidade de matizes culturais que se constituem de elementos que vão desde as mais recentes inovações tecnológicas às mais ancestrais crenças, como, por exemplo, o candomblé”. (p. 188). Desse modo, fizemos um recorte dessa diversidade cultural nacional no intuito de apresentarmos temas variados aos alunos, de modo a discutir a realidade sociocultural do nosso povo, favorecendo o raciocínio crítico e reflexivo dos alunos diante das nossas belezas e grandezas, bem como das nossas misérias e carências.

Assim, escolhemos como temas para o trabalho com os estudantes inscritos no curso: a música, apresentando canções reconhecidas não só pela

sua qualidade, mas também pela sua possibilidade em oferecer uma discussão profundada acerca de características do Brasil, tais como “País Tropical” e “Aquarela do Brasil”, a regionalidade, oferecendo aos alunos um reconhecimento de bens culturais, sociais, históricos, econômicos do local onde decidiram residir para estudar, a cidade de São José do Rio Preto, as expressões idiomáticas, oportunizando o ensino-aprendizagem dos alunos com a língua estrangeira, e o cinema, indicando algumas das principais produções cinematográficas produzidas pelo cinema nacional. Descrevemos brevemente, a seguir, alguns dos trabalhos realizados durante o curso.

A escolha das canções “País Tropical” e “Aquarela do Brasil” para serem apresentadas aos alunos deu-se pelo fato de ambas serem tanto exemplos da musicalidade nacional de excelente qualidade quanto representações de símbolos considerados tipicamente brasileiro, algo que pode ser reconhecido desde os títulos, o adjetivo *tropical* e o substantivo *aquarela*, remetendo a uma determinada cultura tipicamente solar, colorida, diversa, alegre, espontânea, entre outras adjetivações do mesmo campo lexical. Não que a cultura e a realidade brasileira não correspondam a essas características, mas certamente elas apresentam muitas outras questões tão negativas quanto complexas, algo que todo cidadão brasileiro consegue facilmente considerar. Desse modo, ao exibirmos as canções que valorizam a nacionalidade brasileira, pudemos também realizar um contra-argumento, de modo reflexivo e crítico acerca da realidade nacional, juntamente com a participação discente.

Devido à complexidade dos temas presentes, desenvolvemos cada canção em uma aula específica. Ela era exibida aos alunos, que poderiam acompanhá-la por meio da letra da canção disponibilizada pelo docente. Após a sua exibição, questionava-se os alunos o que eles compreenderam sobre a música, por meio de questões projetadas por meio do *data show*, de modo a facilitar uma participação comunicativa e colaborativa entre os discentes, tais como qual é a sua mensagem principal e quais os principais temas abordados na canção. Em sequência, sanavam-se as dúvidas de vocabulário e de interpretação, de modo a sistematizar, ou readequar, os comentários realizados pelos alunos.

Em seguida, discutimos aspectos linguísticos presentes na canção, por exemplo, ao mencionar o fato de sermos um *país tropical*. Qual a sua significação no contexto atual? Quais outros tipos de clima ocorrem no país? Seria o clima tropical o mais predominante? Por meio das questões, os alunos comentavam sobre os aspectos do Brasil que eles conhecem, enquanto o professor progressivamente introduzia novas informações, por meio de imagens e descrições curtas projetadas, demonstrando a diversidade climática brasileira, reconhecendo-se regiões e áreas bastante distantes e diferentes entre si, mas pertencentes ao território nacional (vide plano de aula no apêndice 1).

Desse modo, seguimos o trabalho por meio das canções, selecionando

um trecho no qual se dava um destaque específico, pois exibia um aspecto positivo e amplamente reconhecido da diversidade cultural, social ou ambiental brasileiras, questionava-se a opinião dos alunos a respeito desse trecho, com eles confirmando ou supondo hipóteses, para em seguida apresentarmos situações da realidade contemporânea que não estão de acordo com as imagens criadas pelas canções (muitas vezes, nem mesmo no período de divulgação das canções essas representações eram aproximadas daquela realidade, sendo mais uma idealização idílica).

Por meio dessas atividades, discutimos com os discentes diversos tópicos sobre o nosso país, tais como a questão da expansão geográfica e climática, da diversidade religiosa e de credo, do desmatamento, da carnavalidade e sua dimensão sócio-cultural, dos esportes, da cultura escravocrata e consequente racismo que perdura atualmente e a importância de medidas afirmativas que reconheçam o papel dos afrodescentes, do desenvolvimento histórico-político brasileiro, da miscigenação enquanto aspecto social relevante e constituinte do nosso povo e das diversidades regionais.

Selecionamos também como relevante o ensino-aprendizagem de expressões idiomáticas, por reconhecermos a relevância cultural e comunicativa (Alvarez, 2002) dessas expressões. Ao mencionar os postulados de Busnardo e Braga (1987), Alvarez (2002) indica para a aprendizagem de uma língua a necessidade de compreensões semânticas que se articulam somente em contextos sociais específicos, com valores culturais determinados pelos falantes dessa língua. Para Lourdes Pedro (2007), considerando os ensinamentos de Welker (2004), o estudo das expressões idiomáticas é tão fundamental que há uma área científica específica para ela, a Fraseologia.

Para iniciarmos o trabalho das expressões idiomáticas em sala de aula, realizamos questões para a (re)ativação do conhecimento prévio dos estudantes, a valorização desse conhecimento para então apresentarmos a sua estrutura formal, como menciona Vieira-Abrahão (2012). Para tanto, consideramos questões tais como *Você já ouviu o termo expressões idiomáticas? O que ele significa? Você já teve problemas de compreensão de uma expressão idiomática? Lembra-se de alguma? Você conhece alguma expressão idiomática em português?* de modo a identificarmos como os estudantes conheciam ou dominavam o tópico proposto. Em sequência, apresentamos o vídeo *Expressões Idiomáticas*, do canal *Porta dos Fundos*, no qual há a utilização de uma série de expressões idiomáticas em português de fácil reconhecimento, mas que são apresentadas de modo *recriado*, produzindo o efeito de humor característico do conteúdo do canal.

Depois de exibirmos o curto vídeo, mostramos alguns exemplos de expressões idiomáticas recriadas aos alunos, no qual geralmente eram constituídos pela troca lexical de termos na expressão, ou pela paráfrase humorizada de uma expressão. Assim, projetando para os alunos algumas

expressões, promovíamos o debate, ora adequando a expressão para sua versão original, ora explicando o significado da expressão para que os alunos deduzissem significados e confirmassem seus conhecimentos, caso conhecessem a expressão idiomática em português. Por meio dessa interação, professor e alunos estavam promovendo um diálogo comunicativo em língua estrangeira, o português, enquanto os discentes eram familiarizados com especificidades das expressões idiomáticas.

Assim, depois de compreendidas as características das expressões idiomáticas, apresentamos a sua definição, a fim de sistematizarmos os conhecimentos ensinados durante a discussão anterior. Em sequência, apresentamos mais exemplos de expressões idiomáticas observadas no vídeo, mas agora de modo adequado, isto é, mantendo a composição do conjunto de palavras cuja significação é determinada de modo metafórico, não literal. Vale lembrar que durante tanto a apresentação inicial quanto após a sistematização formal, buscamos o diálogo com a cultura do aluno, isto é, ao identificarmos e compreendermos o significado de uma expressão idiomática em português, fazíamos uma relação comparativa, averiguando se havia uma expressão idiomática similar, em significado, na língua materna dos alunos.

Em sequência, propomos uma nova atividade colaborativa com os estudantes por meio de imagens. Eram projetadas figuras no telão que representavam o significado literal de expressões idiomáticas, acompanhadas por uma parte da expressão em uso. Desse modo, incentivados e auxiliados pelo docente, os discentes precisavam reconhecer qual expressão idiomática era aquela, além de analisar o seu possível significado. Por meio dessa atividade, ocorria o desenvolvimento do potencial criativo e significativo dos discentes, pois eles precisavam reconhecer não só as imagens, mas também parte das expressões idiomáticas indicadas, ampliando o seu conhecimento em relação tanto ao conteúdo quanto à língua estrangeira, de modo colaborativo.

Por fim, solicitamos uma atividade no qual os alunos recebiam expressões idiomáticas por escrito e precisavam sugerir o seu significado. No momento da correção das atividades, no qual se observou se as hipóteses dos alunos estavam corretas ou se precisavam ser verificadas, pedimos para os alunos também apresentarem expressões idiomáticas com o significado semelhante em sua língua materna, tornando a aula de ensino de português como língua estrangeira um ambiente para uma troca linguística e intercultural mais ampla (vide plano de aula no apêndice 2).

Em relação à discussão sobre o cinema nacional, optou-se pelo trabalho com material audiovisual pela intenção de diversificar os aspectos culturais ensinados em sala de aula. A seleção dos vídeos deu-se de modo a ampliarmos e valorizarmos os conhecimentos dos discentes em torno do cinema brasileiro, selecionando produções cinematográficas significativas para a cultura da área. Tais filmes possibilitam a participação dos alunos, com

o docente incentivando e direcionando a discussão dos alunos, promovendo uma troca pluricultural. Como menciona Stempleski (2002), “*The teacher plays a key role in the success or failure of any video used in the language classroom. It is the teacher who selects the video, relates the video to students’ needs, promotes active viewing, and integrates the video with other areas of the language curriculum*” (p. 364). Devido à extensão do curso, optou-se em apresentar apenas alguns trechos das produções cinematográficas a serem discutidas, de modo a problematizarmos certas situações e condições apresentadas nos filmes.

Depois de começarmos a aula com a (re)ativação do conhecimento dos alunos em relação a filmes nacionais, realizamos uma breve explanação sobre a criação do cinema enquanto novo modelo de arte. Depois, se apresentaram características acerca da primeira produção nacional, chamada *Os Estranguladores*, uma vez que o filme-documentário tem acesso restrito e é bastante raro. Nesse sentido, orientamos os discentes a compartilhar suas opiniões e experiências em relação à primeira produção nacional remeter à tortura, a um estrangulamento.

Apresentou-se também um filme mudo, *Os óculos do vovô*, produzido no início da segunda década do século XX, no qual se discutiu não só sobre aspectos estéticos da produção, mas também sobre aspectos culturais, como a de violência doméstica contra crianças, um dos motivos de sentido de *humor* na produção, com os alunos discutindo acerca desses tópicos de modo colaborativo.

Também, realizamos uma explanação sobre os principais gêneros produzidos nas décadas seguintes, oferecendo uma necessária importância a estúdios como *Cinédia*, *Atlântida* e *Vera Cruz*, cujas contribuições foram essenciais para o desenvolvimento da sétima arte no Brasil.

Outro ponto de bastante discussão durante a aula, na qual os alunos mostraram-se interessados, foi a complexidade da figura mais popular do cinema nacional, Carmen Miranda, ser, na verdade, uma intérprete portuguesa. Assim, toda a beleza e carisma típicos de Carmen Miranda são associados à pele clara e de traços europeus, certamente muito diferente do biótipo mais comum das mulheres brasileiras. A reflexão em torno da sensualidade, da nudez, do fator exótico da mulher, além do registro bélico por trás do financiamento hollywoodiano em produções que buscavam o latino americano como protagonista, por meio de influência ideológica para fins capitalistas, também despertaram discussões pertinentes.

Outra personalidade bastante conhecida que discutimos foi Amácio Mazzaropi, quando se tratou da questão do regionalismo e como a figura do *Jeca Tatu* era uma representação emblemática da inocência, por um lado, e da completa ignorância, por outro, da população.

Também dialogamos sobre o tema do sertão, assim como o das pornochanchadas, demonstrando a ampla gama de temáticas de grande popularidade no cinema nacional, sem nos esquecermos de abordarmos

aspectos sociais, políticos e econômicos referentes a essas produções.

Por fim, discutimos sobre filmes com temáticas mais atuais, como a favela, a violência da zona urbana, da miséria, por meio de produções como *Central Brasil*, *Cidade de Deus* e *Tropa de Elite* (vide plano de aula no apêndice 3).

Dessa maneira, abordamos no curso *Aspectos da Cultura Brasileira* o carnaval, o cinema brasileiro, expressões idiomáticas, aspectos geográficos e regionais do Brasil, religiões e canções, além da cultura escravocrata e a miscigenação da população brasileira. Buscamos, em nossas discussões, ilustrar aspectos históricos e culturalmente relevantes na sociedade brasileira contemporânea, abrandando ou descartando estereótipos sobre o Brasil em que os alunos porventura pudessem acreditar. Na seção seguinte, tratamos de nossas considerações finais sobre esta reflexão.

5. Considerações finais

A iniciativa e o desejo de compartilhar as experiências e as ações vivenciadas durante o curso de ensino da(s) cultura(s) brasileira(s) e do Português como língua estrangeira (PLE) nortearam a elaboração deste artigo. Buscamos refletir sobre o fazer docente neste trabalho não só por meio da preparação do curso *Aspectos da Cultura Brasileira*, promovido pelo projeto do governo federal *Idiomas sem Fronteiras*, mas também pelas práticas e pelas escolhas realizadas em sala de aula.

Acreditamos que mais do que apresentar uma opção para o ensino de português como língua estrangeira, este trabalho objetivou a divulgação dos ensinamentos aprendidos durante toda a duração do curso, desde a sua preparação, a sua apresentação para os alunos e a sua reflexão, originando este artigo. Como sabemos, a ação do professor em sala de aula não é passível a generalizações e simplificações, contudo, ao compartilharmos as nossas atividades, esperamos realizar o diálogo profissional e reflexivo tão benéfico para o desenvolvimento de uma área científica, especificamente ao do ensino do português como língua estrangeira.

6. Referências Bibliográficas

- Almeida Filho, J. C. P.; Franco, M. M. S (2009). O conceito de competência comunicativa em retrospectiva e perspectiva. *Revista Desempenho*, v.10, n.1, p. 4-22.
- Almeida Filho, J. C. P (2002). Língua além de cultura ou além de cultura, língua? Aspectos do ensino da interculturalidade. In: Cavalcanti Cunha, M. J.; Santos, P. (Org.). *Tópicos em português língua estrangeira*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, p. 209-215.
- Alvarez, M. L. O (2002). Os fraseologismos como expressão cultural: aspectos de seu ensino em PLE. In: Cavalcanti Cunha, M. J.; Santos, P (Org.). *Tópicos em português língua estrangeira*. Brasília:

- Editora Universidade de Brasília, p. 157-171.
- Barbosa, L. M. A (2015). Procedimentos interculturais e diversidade étnico-racial do Brasil em dois livros didáticos de português para estrangeiros. *Revista EntreLínguas*, Araraquara, v.1, n.2, p. 223-236, jul./dez.
- Bosch, V. *Língua e cultura no ensino de PLE: visões de professores do CELIN – UFPR a partir do uso do material didático* (2015). 140f. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Federal do Paraná, Curitiba.
- Fontes, S. M (2002). Um lugar para a cultura. In: Cavalcanti Cunha, M. J.; Santos, P. (Org.). *Tópicos em português língua estrangeira*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, p. 175-183.
- Houaiss, A.; Villar, M. S (2009). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, p. 583.
- Leite, M. F. F (2011). *O ensino-aprendizagem da cultura em PLE: contributos para uma educação intercultural*. Relatório de Mestrado apresentado à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.
- Lourdes Pedro, M (2007). As expressões idiomáticas no ensino de português como língua estrangeira para estudantes uruguaios. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade de Brasília, Brasília.
- Mendes, E (2015). A ideia de Cultura e sua atualidade para o ensino-aprendizagem de LE/L2. *Revista EntreLínguas*, Araraquara, v.1, n.2, p. 203-221, jul./dez.
- Mendes, E (2007). A perspectiva intercultural no ensino de línguas: uma relação “entre-culturas”. In: Alvarez, M. L. O.; Silva, K. A. (Org.) *Linguística Aplicada: múltiplos olhares*. Campinas: Pontes, p. 119-139.
- Mendes, E (2002). Aprender a língua, aprendendo a cultura: uma proposta para o ensino de Português Língua Estrangeira (PLE). In: Cavalcanti Cunha, M. J.; Santos, P (Org.). *Tópicos em português língua estrangeira*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, p. 185-199.
- Meyer, R. M. B (2002). Cultura brasileira e língua portuguesa: do estereótipo à realidade. In: Cavalcanti Cunha, M. J.; Santos, P (Org.). *Tópicos em português língua estrangeira*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, p. 201-207.
- Silva, A. F. C (2017). *A Competência Cultural no ensino-aprendizagem de PLE*. Dissertação de Mestrado apresentado à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.
- Stempleski, S (2002). Video in the ELT Classroom: The Role of the

- Teacher. In: richards, J. C.; Renandya, W. A. (Orgs.). *Methodology in Language Teaching: An Anthology of Current Practice*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 364-367.
- Tang, R (2018). The Place of “Culture” in the Foreign Language Classroom: A Reflection. *The Internet TESL Journal*, vol. V, n° 8, August, 1999. Disponível em: <http://iteslj.org/Articles/Tang-Culture.html>. Acessado em 12 de outubro de 2019.
- Vieira-Abrahão, M. H (2012). A Formação do Professor de Línguas de uma Perspectiva Sociocultural. *Signum: Estud. Ling., Londrina*, n° 15/2, p. 457-480.

APÊNDICES

Nestes apêndices apresentamos três dos planos de aula utilizados durante o curso, mais especificamente os planos de aulas sobre o trabalho com canções nacionais, o de expressões idiomáticas e aspectos do cinema brasileiro. É importante salientarmos que, muito embora essas aulas tenham sido planejadas com duração de duas horas cada, devido à participação e ao interesse dos estudantes, as atividades estenderam-se por mais de uma aula, de modo que as concluímos na aula seguinte.

Apêndice 1

Conteúdo:

Estereótipo e originalidade: discussão acerca de alguns elementos *tipicamente* brasileiros.

Objetivos:

Demonstrar aos alunos como alguns termos e características pelos quais o Brasil é (re)conhecido podem apresentar diversas possibilidades, não se resumindo a conceitos rasos ou de percepção superficial.

Atividade de início: 10 – 15 minutos de duração

Conhecendo os estudantes por meio de jogo interativo no qual cada aluno apresenta-se aos demais. Será solicitado ao grupo de alunos para levantar e formar um círculo. Utilizar uma bola, a qual é jogada para um dos alunos no círculo. A/O aluna/o se apresenta, e joga a bola para alguém do círculo. Quem receber a bola deve falar o que ouviu sobre a apresentação da/o colega, e depois se apresentar.

Questionário para informações e discussões: 40 minutos

Será proposto aos alunos um breve questionário em papel sobre particularidades de sua vida acadêmica, profissional e pessoal. A partir dessas informações, ocorrerá uma discussão em grupo acerca das informações solicitadas, promovendo o diálogo e interação entre docentes-discentes.

Crêterios de avaliação: 10 minutos

Os alunos serão informados que receberão um certificado de conclusão ao final do curso. Para tanto, eles precisarão apresentar 70% de frequência e serem aprovados nos seguintes critérios:

- Participação em sala, discutindo e promovendo discussões sobre os temas propostos.
- Apresentação de um seminário de curta duração, cerca de 10/15 minutos, sobre os seguintes tópicos: cidades brasileiras que visitou ou gostaria de visitar, culinária e pratos típicos regionais, música e cantores nacionais, cinema e filme brasileiros, autor brasileiro e sua principal obra e educação escolar no Brasil.
- Caso a quantidade de alunos na turma seja muita numerosa, será proposta essas discussões de modo colaborativo, isto é, os alunos participaram de uma discussão em grupo.

Apresentação e execução da música: 05 minutos de duração

(a) Apresentação do vídeo da música:

País tropical

Jorge Ben Jor

Moro num país tropical
Abençoado por Deus
E bonito por natureza
(Mas que beleza)
Em fevereiro
(Em fevereiro), tem carnaval
(Tem carnaval,)

Eu tenho um fusca e um violão
Sou Flamengo e tenho uma nega chamada Teresa

Sambaby,
Sambaby,

Sou um menino de mentalidade mediana
(pois é), mas assim mesmo, feliz da vida
pois eu não devo nada a ninguém
(pois é), pois eu sou feliz, muito feliz, comigo mesmo

Moro num país tropical
Abençoado por Deus
E bonito por natureza
(Mas que beleza)
Em fevereiro
(Em fevereiro), tem carnaval
(Tem carnaval,)

Eu tenho um fusca e um violão
Sou Flamengo e tenho uma nega chamada Teresa

Sambaby,
Sambaby,

Eu posso não ser um band leader (pois é)
Mas assim mesmo lá em casa, todos meus amigos
Meus camaradinhas, me respeitam (pois é)
Essa é a razão da simpatia, do poder,
Do algo mais e da alegria.

Moro num país tropical
Abençoado por Deus
E bonito por natureza
(Mas que beleza)
Em fevereiro
(Em fevereiro), tem carnaval
(Tem carnaval,)

Eu tenho um fusca e um violão
Sou Flamengo e tenho uma nega chamada Teresa

Mo(...) num pa(...) tropi(...)
Abençoa(...) por De(...)
E boni(...) por nature(...)
(Mas que bele[...])
Em fevere(...)
(Em fevere[...]), tem carna(...)
(Tem carna[...])

Eu te(...) um fu(...) e um vio(...)
Sou Flame(...) e tenho uma ne(...) chama(...) Tere(...)
Sou Flame(...) e tenho uma ne(...) chama(...) Tere(...)

(b) Discussão sobre “atributos brasileiros” presentes nesta canção
(slides/pppt): 50 – 60 minutos

- Por que um país tropical? É devido à sua posição geográfica ou há relação a outros fatores?
- É um país bonito por natureza. Temos problemas ambientais? Quais? Por quê?
- Fevereiro tem carnaval. O que é carnaval? Todos os brasileiros gostam do carnaval? Há mais de um tipo de carnaval?
- O eu-lírico é flamengo. O que é ser flamengo? O futebol é a paixão nacional?
- O que é ser nega? Há termo semelhante em sentido em outras línguas?

A proposta de questões para discussão a partir da canção *País tropical*, interpretada por Jorge Ben Jor, possibilita a interação entre os alunos e os alunos com o professor. Busca-se a ativação e análise dos conhecimentos prévios dos estudantes sobre características, aspectos e peculiaridades sobre o país, para então propor um contra-argumento, por meio de exemplos que evidenciem a diversidade dos aspectos tratados pela canção, possibilitando

reflexão e compreensão.

- Composição nacional a partir da miscigenação entre diversos povos, sobretudo, nativos, africanos e portugueses.
- Apresentação das principais características de alguns ecossistemas nacionais
- A diversidade das celebrações do carnaval em todo o país
- Demais esportes que são “a paixão nacional”
- Discussão sobre racismo e preconceitos

Apêndice 2

Conteúdo:

Apresentar e discutir a importância das expressões idiomáticas e seus respectivos usos.

Objetivos:

Possibilitar ao estudante conhecer um pouco sobre o uso das expressões idiomáticas, elemento linguístico e cultural fundamental para quem estuda em um país estrangeiro, apresentando e indicando alguns exemplos.

Introdução: 15 minutos

- Você já ouviu o termo expressões idiomáticas? O que ele significa?
- você já teve problemas de compreensão de uma expressão idiomática? Lembra-se de alguma?
- Você conhece alguma expressão idiomática em português?

Apresentação do vídeo: 30 minutos

Expressões idiomáticas, cujo link segue abaixo, e breve discussão sobre as expressões idiomáticas erroneamente utilizadas:

https://www.youtube.com/watch?v=a_7mAu_LwQY

Serão indicados alguns exemplos, tais como quem com gelo gela, acaba dormindo em Miami (quem com ferro fere, com ferro será ferido), ensinar o papa fazer sopa (ensinar o padre a rezar missa) e cara de quem comeu brigadeiro e não gostou (cara de quem comeu e não gostou), para demonstrar aos alunos, ou relembra-los, a utilização das expressões idiomáticas.

Definição: 15 minutos

São expressões, compostas por duas ou mais palavras, nas quais o significado não é literal, mas uma representação metafórica, isto é, as palavras possuem um significado diferente daquele que teriam quando lidas isoladamente. Para que o uso de uma expressão idiomática cumpra de modo pleno a sua utilização, o falante necessita de conhecimentos extralinguísticos, ou seja, ele deve realizar analogias socioculturais.

Exemplos:

Abandonar o barco: desistir de uma situação difícil.

Acabar em pizza: quando uma situação não resolvida acaba encerrada (especialmente em casos de corrupção, quando ninguém é punido).

Andar nas nuvens: estar distraído

Fraseologismos em imagens: 25 minutos

Expressões idiomáticas são relevantes tanto para conhecer a língua quanto para conhecer a cultura. Para dominá-las, os alunos precisam compreender aspectos sociais, culturais, ideológicos, enfim, conhecimentos que vão além da estrutura da língua em si.

Atividades: 35 minutos

1 – Leia as expressões idiomáticas abaixo e indique os seus possíveis significados.

- A) Dar bola: insinuar-se romanticamente para alguém
- B) Acertar na mosca: acertar com precisão, adivinhar de primeira
- C) Ir tomar banho: pedir para alguém ir fazer outra coisa ou para não se intrometer no assunto
- D) Bater as botas: morrer
- E) Descascar o abacaxi: resolver um problema complicado
- F) Ao pé da letra: literalmente
- G) Onde Judas perdeu as botas: lugar muito distante
- H) Botar o carro na frente dos bois: pular etapas de forma inapropriada, geralmente atrapalhando o andamento de uma situação
- I) Armar um barraco: discutir ou brigar em público
- J) Quebrar o galho: improvisar ou dar uma solução precária

Apêndice 3

Conteúdo:

Apresentação e discussão sobre o cinema brasileiro.

Objetivos:

Indicar características da cultura brasileira por meio de filmes, discutindo características sociais, políticas, ideológicas, entre outros aspectos.

Warm-up: Quem sou eu? (20 minutos)

Apresentar o tema da aula por meio de um jogo participativo. Os alunos serão divididos em grupos e terão que descobrir qual personagem ícone do cinema está no cartão. Para tanto, eles serão informados com três pistas (“dicas”), uma por vez, até que o primeiro grupo obtenha a resposta correta. Abaixo, os modelos para os cartões.

Coringa: crime, morcego, sorriso.

Darth Vader: capa, máscara, ex-jedi.

Dory: água, amizade, memória.

Dorothy: trança, arco-íris, Kansas.

Hannibal Lecter: doutor, inteligente, canibal.

Harry Potter: óculos, vassoura, castelo.

James Bond/007: Inglaterra, smoking, espião.

Mary Poppins: céu, crianças, guarda-chuva.

Mulher Maravilha: força, ilha, escudo.

Rose: gelo, fotografia, navio.

Shrek: verde, monstro, pântano.

Vito Corleone: poder, família, máfia.

Introdução: (20 minutos)

- Você prefere assistir filmes no cinema ou em casa?
- Quais são os gêneros de filmes que você mais gosta?
- Qual é o seu filme favorito?
- Qual filme produzido em seu país que você mais aprecia?
- Você já assistiu a algum filme brasileiro? Qual?
- Há algum filme brasileiro que você mais gosta?

Discussão panorâmica sobre o cinema: (70 minutos)

Nessa apresentação, incluem-se a origem do cinema e seus criadores, e um breve percurso histórico do cinema nacional; Carmem Miranda, principal personagem brasileira no cinema mundial; e Amácio Mazzaropi, um dos principais personagens do cinema nacional, além da apresentação de vídeos curtos de filmes brasileiros.